

RELIGIOSIDADES MARGINAIS EM UMA CIDADE DE FRONTEIRA

*Nicolas de Souza Pires
Wander de Lara Proença*

Resumo: O artigo analisa práticas de religiosidades categorizadas como marginais, no contexto de uma cidade de fronteira, em meados do século XX, no norte do Paraná. Inicialmente planejada para ser uma “cidade-jardim”, uma “Terra da Promissão”, com uma ética voltada ao trabalho, regida por valores morais e religiosos dos cristãos, Londrina logo experimentou um exponencial crescimento populacional em torno do cultivo do café. Surgiram, desse modo, contextos marginais, onde se desenvolveram comportamentos não idealizados, tais como práticas e serviços religiosos desviantes da ortodoxia religiosa hegemônica. Mediante o emprego conceitual do método indiciário, proposto pelo historiador Carlo Ginzburg, que acentua a investigação a partir de “vestígios” contidos nas fontes, esse texto apresenta resultados da análise de matérias de jornais arquivadas em acervo, articuladas com escritos memorialistas e obras acadêmicas. Os resultados da pesquisa revelaram uma intensa circulação de heterodoxias naquele período e contexto, tais como: curandeirismo, venda de remédios milagrosos, benzimentos, serviços de magia para solução de problemas amorosos, familiares e trabalhistas, cartomancia associada a videntes e ciganos, dentre outros aspectos.

Palavras-chave: Religiosidade. Marginalidade. Fronteira. Método indiciário.

MARGINAL RELIGIOSITIES IN A BORDER CITY

Abstract: This article examines practices of religiosity categorized as marginal in the context of a frontier city in northern Paraná during the mid-twentieth century. Originally planned as a “garden city,” a “Promised Land,” with an ethic centered on labor and governed by Christian moral and religious values, Londrina soon experienced exponential population growth driven by coffee cultivation. In this process, marginal contexts emerged in which non-idealized behaviors unfolded, including religious practices and services that deviated from hegemonic religious orthodoxy. Employing the conceptual framework of the evidentiary method proposed by historian Carlo Ginzburg, which emphasizes inquiry based on the “traces” found in the sources, this article presents the results of an analysis of newspaper materials preserved in archival collections, articulated with memorialist writings and academic studies. The research results reveal an intense circulation of heterodox practices in that period and setting, such as faith healing, the sale of miraculous remedies, blessing rituals, magical services for resolving romantic, family, and work-related problems, and cartomancy associated with clairvoyants and Romani practitioners, among others.

Keywords: Religiosity. Marginality. Frontier. Evidentiary Method.

RELIGIOSIDADES MARGINALES EN UNA CIUDAD DE FRONTERA

Resumen: El artículo analiza prácticas de religiosidades categorizadas como marginales en el contexto de una ciudad de frontera, en el norte de Paraná, a mediados del siglo XX. Inicialmente planificada para ser una “ciudad-jardín”, una “Tierra de la Promisión”, con una ética orientada al trabajo y regida por valores morales y religiosos cristianos, Londrina pronto experimentó un crecimiento poblacional exponencial en torno al cultivo del café. De este modo, surgieron contextos marginales en los cuales se desarrollaron comportamientos no idealizados, tales como prácticas y servicios religiosos que se desviaban de la ortodoxia religiosa hegemónica. Mediante el empleo conceptual del método indiciario, propuesto por el historiador Carlo Ginzburg, que enfatiza la investigación a partir de los “vestigios” presentes en las fuentes, este texto presenta los resultados del análisis de materiales periodísticos archivados en acervos, articulados con escritos memorialistas y obras académicas. Los resultados de la investigación revelaron una intensa circulación de heterodoxias en aquel período y contexto, tales como curanderismo, venta de remedios milagrosos, rituales de bendición, servicios de magia para la solución de problemas amorosos, familiares y laborales, así como cartomancia asociada a videntes y gitanos, entre otros aspectos.

Palabras-clave: Religiosidad. Marginalidad. Frontera. Método indiciario.



1. INTRODUÇÃO

Identificam-se como “cidades de fronteira” os núcleos urbanos surgidos no Brasil ao longo do século XX, decorrentes de projetos governamentais que buscavam promover ocupação de regiões consideradas “vazio demográfico”, pouco povoadas ou não ainda exploradas economicamente pelo capital.

Sandra Pesavento comenta que há uma tendência de se pensar a fronteira a partir de uma concepção ancorada na territorialidade, que se desdobra no âmbito político. Nesse sentido, a fronteira é conceituada, sobretudo, como encerramento de um espaço, delimitação de um território, fixação de uma superfície, um marco que limita e separa. Todavia, enquanto conceito impregnado de mobilidade, a noção de “fronteira” precisa superar seus limites geopolíticos para assumir outros marcos e representações de dimensão simbólica, com sentidos socializados de reconhecimento que sofrem as transformações do tempo (Pesavento, 2002, p. 35, 36).

No norte do Paraná, na primeira metade do século XX, surgiu com esse perfil a cidade Londrina. O núcleo populacional nascente, em 1929, foi emancipado como município em 1934 e, rapidamente, a “pequena Londres” se projetou como um espaço atrativo para grande afluxo populacional. Fruto de um projeto de parceria do Estado brasileiro com uma companhia colonizadora britânica – tendo como subsidiária a Companhia de Terras Norte do Paraná – essa cidade de fronteira foi planejada para ser uma “Terra da promessa”, uma Nova Canaã, lugar de gente ordeira, estruturada no modelo de família nuclear cristã, com o cariz da ética protestante voltada ao trabalho, conforme conceituação weberiana (Weber, 2004).

No entanto, acompanhando a escalonária produção cafeeira, representada por um Eldorado de “ouro verde”, Londrina viu logo suas margens se desenvolverem para além dos limites inicialmente imaginados, nas quais se

instalaram, por exemplo, comportamentos, práticas e serviços religiosos desviantes daquele padrão idealizado. Desse modo, ocorreu a circularidade (Ginzburg, 1987) de heterodoxias, como: curandeirismo, venda de remédios milagrosos, benzimentos, serviços de magia para solução de problemas amorosos, familiares e trabalhistas, cartomancia associada a videntes e ciganos, dentre outros, como demonstrado nos subitens, a seguir.

2. A CIDADE-JARDIM NA FRONTEIRA

Londrina foi planejada para ser uma “cidade-jardim”, conforme conceito elaborado pelo urbanista inglês Ebenezer Howard (1850-1928), que projetou, no contexto do século XIX, um modelo de cidades consideradas mais saudáveis, diante do debate que havia na ocasião sobre prejuízos ocasionados à vida urbana pelo acelerado processo de industrialização nas cidades inglesas. Desse modo, na fronteira da região norte-paranaense, nasceria um núcleo urbano sob influência daquele modelo britânico:

Acredita-se que, quando a Companhia de Terras Norte do Paraná implantou seu programa de ocupação do território norte-paranaense, utilizou-se dos ensinamentos de Howard para elaborá-lo, transformando a região num exemplo único de urbanização no Brasil (Suzuki, 2021, p. 25).

Os dados atuais situam Londrina entre as quatro maiores cidades do sul do Brasil, demonstrando como o modelo de um espaço urbano planejado e funcional, com um limite populacional imaginado em até 25 mil habitantes, fugiu àquele plano inicialmente previsto:

Este ordenamento objetivava a reprodução do capital inglês e acabou por manter, sob seu controle, todo crescimento e forma da cidade, bem como os mecanismos necessários para a manutenção da ordem proposta; um sonho inglês de ordem e decência, com planejamento que [...] supunha um número determinado de habitantes, que era a medida de seu projeto, a medida de seus interesses (Adum, 1991, p. 14).

Para obter êxito de seu empreendimento, a companhia colonizadora britânica fez propagandas em larga escala no Brasil e exterior, por meio de panfletos com imagens e textos chamativos, além de anúncios em jornais e criação de escritórios de vendas em grandes centros, como a cidade de São Paulo.

Com base na fertilidade da terra do norte do Paraná, projetaram-se representações do Eldorado, da Terra da Promissão, onde a riqueza seria facilmente obtida a partir do trabalho, especialmente no cultivo do café, o ouro verde.

O espalhamento de notícias sobre a qualidade das terras da região teve como resultado uma grande procura pela compra de lotes por gente dos mais diferentes lugares do Brasil, especialmente paulistas, mineiros e nordestinos, que se juntaram a pessoas de diversas nacionalidades, como Alemanha, Itália, Japão, e de tantos outros lugares, que afluíram à fronteira norte-paranaense. Cerca de 32 etnias se estabeleceram na região ao longo dos primeiros anos de ocupação. O ouro verde, fertilizado pela terra roxa, fez com que em pouco mais de duas décadas Londrina ostentasse o título representativo de “capital mundial do café”.

O aeroporto da cidade, inaugurado em 1952, passou a ser o terceiro mais movimentado do país, pela circulação econômica que o café gerava, atraindo compradores, comerciantes e também aqueles que buscavam os encantos da intensa vida noturna, com bares, restaurantes e boemia. Naquele período, a cidade se constituía cada vez mais em um símbolo da modernidade em pleno sertão paranaense, apresentando um cenário de transformação urbana, dotando-se de uma fisionomia alinhada aos padrões do que se entendia como progresso (Arias Neto, 2008). A “Avenida Higienópolis”, por exemplo, que ainda permanece como um marco simbólico desse passado da “cidade higienizada”, era ocupada por quem ostentava o

sucesso alcançado:

Gradativamente, nos anos 40 e 50, nesta via urbana, as casas de alvenaria e as mansões surgiram, definindo o principal espaço de moradias de fazendeiros. Os moradores que residiram na avenida Higienópolis eram de maioria burguesa [...], por Londrina ser, na época, a capital mundial do café. As casas de alvenaria e mansões construídas entre as décadas de 30 e 60 pertenciam a engenheiros, médicos, comerciantes e a alguns barões do café. (SILVA, 2010, p. 12).

Os escritos memorialistas e jornalísticos ajudaram a consolidar essa representação enaltecida dos triunfos gerados pela riqueza do café, com ideias de progresso e pioneirismo:

Na perspectiva dessas obras, o norte do Paraná é a Terra da Promissão, o Eldorado, a nova Canaã, o paraíso prometido da fertilidade, da produção agrícola abundante, das oportunidades iguais de enriquecimento para todos aqueles que quisessem trabalhar e prosperar. (Adum, 2008, p. 4).

Novas abordagens historiográficas, entretanto, acabaram por revelar os problemas sociais correlatos a este afluxo populacional, demonstrando como também “outros odores invadiram o jardim” (Leme, 2009, p. 31).

3. FRONTEIRAS DA CIDADE-JARDIM: OS ESPAÇOS MARGINAIS

O plano idealizado nas primeiras décadas de Londrina era o de transformar a região, permeada por matas e grandes florestas, em um local que fosse o palco de modernidade e progresso no Estado do Paraná. Entretanto, a chegada de muitos indivíduos à região, para além do contingente previsto, contribuiu para colocar o plano de ordem em alerta: a cidade planejada com objetivos de evitar o caos e o conflito urbano, já nos seus primeiros anos exibiu o cenário de disputas sociais e desigualdades. Houve um crescimento escalonário do município, levando-o a atingir já nos anos de 1950 aproximadamente 70 mil habitantes, dos quais, quase a metade vivia no espaço urbano. Cidadãos que chegavam em busca de algo melhor, sentiam-

se em um lugar de oportunidades e ambiguidades. Contudo, não foram poucos os que perceberam que as oportunidades não eram iguais para todos:

A mistura dos corpos e dos fluxos urbanos, a confusão de pessoas 'forasteiras' que não paravam de chegar em levadas e mais levadas de migrantes, a mutação acelerada dos signos da urbe, a perda das referências e o obscurecimento da demarcação de espaços e territórios, tudo contribuía para a falência dos princípios de diferenciação e funcionalidade que se buscava imprimir aos espaços da cidade antes mesmo de sua fundação (Benatti, 1997, p. 156).

Uma realidade de carência e desigualdades bem cedo mostrou, assim, outra face da cidade-jardim, que não conseguia oferecer riquezas a todos que buscavam o "ouro verde" cafeeiro. Migrantes que chegavam e não encontravam a riqueza almejada, tinham de se fixar em residências sem infraestrutura adequada, locais sem energia elétrica, sem esgoto e pavimentação (Alves, 2013). Uma outra parte representativa, ocupou as ruas:

A chegada diária e sempre crescente de levadas de migrantes não veio acompanhada da abertura proporcional do número dos postos de trabalho. O aumento da miséria e da marginalidade acabou sendo uma consequência (Leme, 2009, p. 31, 32).

O pesquisador Edson Leme - ao analisar como a cidade se constituiu, nos anos de 1940 e 50, na segunda maior do país em número de "casas de tolerância", ou seja, bordéis ou zonas de prostituição - usa a expressão "ervas daninhas invadem a cidade-jardim", para descrever o modo como se viu a chegada de grupos sociais "indesejáveis", não previstos no ideário urbanístico planejado para Londrina:

Como "ervas daninhas", malandros, cáftens, prostitutas, desocupados, jogadores etc. invadiram aquela que fora idealizada para ser um jardim urbano, espaço ordenado e higiênico, onde o trabalho "honesto" deveria reinar" (Leme, 2009, p. 34).

Sobre isso, também uma reportagem jornalística, em 1952, publicava:

Atraídos pelo progresso fenomenal de Londrina, vieram à nossa cidade povos de todos os recantos do país e até do universo. Gente boa, honesta e trabalhadora aportou por estas paragens. Acompanhando as levas de imigrantes internos, chegaram a Londrina centenas de maus elementos. Gatunos, vigaristas, charlatães, vagabundos e outros tantos desclassificados da sociedade [...] (Folha de Londrina, 1952).

Outros personagens, portanto, “já bem cedo, fizeram sua estreia, desnudando o outro lado da ‘civilização’”. A prostituição local colocaria em xeque o “ideário de uma cidade higiênica, ordeira e disciplinada”. A violência cotidiana, visibilizada na luta do dia-a-dia dos grupos marginalizados, aparecia retratada nas páginas policiais dos jornais (Adum, 2008, p. 21). O meretrício cresceu acompanhando o sucesso do café.

Visto como um negócio lucrativo, houve um aumento descomedido de casas de prostituição, que cada vez mais se aproximavam das residências de famílias. Com base em regramento moral ou religioso, territórios urbanos foram assim demarcados, em “lícitos” e “indevidos”. Os grupos governantes tentaram resguardar o centro da cidade para os “cidadãos de bem”, almejando impedir a presença dos populares nestes espaços. Como primeiras medidas adotadas para se higienizar a cidade ocorreu a remoção forçosa desses grupos. Sempre que necessário, o jornalismo denunciava a partir da moral social da época a presença de “indesejáveis” e a polícia, por sua vez, intervinha, no propósito de deixar as ruas centrais de acesso restrito aos desocupados, que deveriam ficar concentrados nas regiões afastadas, como a Vila Matos, lugar onde a polícia frequentava diariamente para vigiar e ali conter essa população (Benatti, 1997).

Ampliaram-se também as ações de controle em diversos setores: nas esferas da saúde – com campanhas de prevenção, controle de epidemias e doenças venéreas; da religião – com discursos fundados em princípios morais cristãos; da imprensa - disseminadora de padrões de conduta,

comportamentos sexuais e sociais para as mulheres, polarizando as “moças de família” e as “moças mal faladas”; de segurança pública – pelas medidas repressivas por parte da polícia (Leme, 2005).

A delegacia de polícia era o local destinado aos delinquentes, marginais e todos aqueles que sofriam com estigmas na sociedade londrinense. Desse modo, a atuação da polícia era retratada nos jornais o tempo todo, seja de um modo positivo, valorizando as prisões e o empenho em controlar a população, como também de forma negativa, quando as ações não eram desempenhadas com o objetivo de garantir a segurança segundo a opinião pública. Além disso, a principal ação era realizada sempre em áreas marginais da cidade, ou seja, os cidadãos do centro não tinham problema com as autoridades, exceto quando os homens da lei confundiam algum sujeito da cidade ordenada com alguém das margens de Londrina.

Nesse contexto, uma série de leis foram estabelecidas para promover o controle social. A primeira delas foi a Lei 133, de 1951, que realizava uma organização do zoneamento de Londrina: naquele tempo o município separava os bairros de acordo com suas atribuições econômicas ou sociais como residencial, industrial e comercial, além do arruamento das artérias e vias secundárias. Em seguida, no ano de 1953 foi criado o Código de Posturas, que visava regulamentar a vida social e cultural dos cidadãos.

Os exemplos da interferência da lei eram: a proibição de doentes nos espaços da cidade; residências insalubres com excesso de pessoas por cômodo; expor frutas e verduras para vendas com aspectos podres e deteriorados; não era permitido que populares se banhassem em rios e córregos; venda de literatura imprópria para a juventude; perturbação do sossego com barulhos de motores, explosões, ruídos, e também, os batuques e congadas. Em 1955 foi criado o Código de Obras que alterava as definições de moradia, forçando os grupos mais pobres a reformarem

suas habitações e, na ausência de recursos financeiros, impelidos a irem para as regiões mais afastadas da cidade. O tempo, entretanto, encarregou-se de instaurar rupturas nos territórios demarcados: na década de 1970, as imediações do espaço que abarcava os bordéis mais luxuosos foram transformadas em cortiços ocupados pelos “deserdados do café”.

No aspecto religioso, em específico, o cenário não foi diferente: passaram a circular pelas ruas praticantes de religiosidades e crenças heterodoxas, transgressoras do dogma cristão, tais como, videntes, curandeiros, benzedeiras, cartomantes, e outros. A presença destas religiosidades liminares e “desviantes” - que não respeitam clivagens sociais ou discursos de controle - promoveram amálgamas, hibridismos e circularidades, cujos indícios e práticas serão demonstrados no item, a seguir.

4. CIRCULARIDADE DE CRENÇAS NAS MARGENS

Carlo Ginzburg, historiador italiano, é uma referência no estudo de crenças religiosas praticadas nas margens, tanto em relação ao contexto social quanto na liminaridade dos dogmas oficialmente estabelecidos. Em uma de suas principais obras, *O queijo e os vermes* (1987), esse autor investiga o caso criminal de um moleiro perseguido pela Inquisição, na Itália, no contexto da modernidade, que hibridizou elementos das chamadas cultura erudita e cultura popular.

Essa relação em via de mão dupla do elemento da crença, que não respeita limites de clivagens sociais, é identificada a partir do conceito de “circularidade cultural”. Para observação e compreensão destas religiosidades desviantes, que “circulam”, transpondo limites ou fronteiras, Ginzburg (1989) demonstra que é importante ao pesquisador estar atento aos resíduos ou elementos situados nas margens, os quais podem ser valiosos e reveladores. Ao fazer um paralelismo com o autor Arthur Conan

Doyle, o criador do detetive mais famoso da literatura Sherlock Holmes, Ginzburg observa que seu olhar para encontrar uma pista ou indício se assemelha ao “método morelliano” de guiar-se pelo que geralmente as pessoas ignoram, ou seja, os detalhes, que neste caso, são essenciais e reveladores.

A discussão nessa primeira parte da obra revela como é a operação inicial a partir do método indiciário: por meio das relações entre Morelli (arte); Freud (medicina) e Conan Doyle (literatura), Ginzburg nos apresenta como funciona o indício, mesmo em áreas diferentes de atuação do pesquisador. E, para deixar mais explícito essa ideia a partir dos indícios, o autor faz uma analogia com o caçador: explica que esse, ao identificar uma pegada na lama, galhos quebrados, pelos na vegetação e as fezes do animal, pode seguir os rastros de sua presa e também verificar com que espécie se está lidando e qual o seu tamanho (Ginzburg, 1989).

Essa comparação com o caçador é seguida com a de um detetive; assim como Sherlock Holmes, o historiador tem que ficar atento aos fatos negligenciáveis a um primeiro olhar e se guiar pelos indícios das fontes. Desse modo, desenvolver um trabalho detetivesco é seguir os rastros deixados pelos sujeitos na história, numa busca de sinais e elementos que possam ser um diferencial no entendimento de uma pesquisa a partir de aspectos marginais: “Se a realidade é opaca, existem zonas privilegiadas – sinais, indícios – que permitem decifrá-la” (Ginzburg, 1989, p. 177).

No caso de Londrina, apesar da história dominante ter silenciado os sujeitos populares, é possível encontrar possibilidades de representar grupos ou agentes marginalizados, particularmente em relação às manifestações de religiosidades. Para isso, é preciso buscar pistas ou indícios nas fontes. Nesse sentido, o primeiro conjunto de fontes tomado para investigação é a própria produção textual que aborda o passado da cidade de Londrina daquele período, sendo algumas destas obras metodologicamente

selecionadas para análise, a seguir.

Na publicação, *Escândalos da Província* (1959), verificam-se alguns indícios de religiosidades de apelo popular. É citado o diálogo de um jornalista com o prefeito municipal, no qual se afirmava existirem aproximadamente umas 60 religiões no município. Em um dos capítulos, é mencionado o dono do jornal *O Saturno*, Tibúrcio Lastragol, que intimidava alguns grupos da Pequena Londres por praticarem o uso irregular da medicina, seja por meio da venda de remédios caseiros, como também por ritos religiosos, categorizados como “os macumbeiros”. Em outra passagem, menciona-se de igual forma que o Juiz de Direito Leon Arrochelas condenou um sujeito por receitar remédios sem o registro oficial da medicina. “Era apenas um indivíduo que receitava bons remédios caseiros a preços baratos. Mas não tinha diploma. Portanto, não estava documentado para curar ou matar” (Maschio, 2011, p. 65).

Na obra *O Centro e as Margens* (1997), Antonio Benatti traz uma perspectiva de como a cidade era vista a partir de imagens e representações bíblicas, como a Nova Canaã ou país da Cocanha, dando a impressão de que era uma terra sagrada. Nesse sentido, a Londrina daquele período era tida a partir de um imaginário cristão. Em razão disso, em um determinado momento, o autor apresenta uma citação do jornal “*O Combate*”, revelando um discurso sobre a Rua Rio Grande do Sul, como um espaço estigmatizado, como um antro de vagabundos e malfeitores, sendo mencionados de modo específico, a presença dos “macumbeiros”. Ou seja, assim como existe o Diabo na rua do vício e do pecado, também existiam os macumbeiros para lhes fazer companhia, numa associação a algo negativo:

A falta de fiscalização e a displicência da ronda policial fez com que a antiga rua Rio Grande do Sul, hoje Brasil, voltasse a ser invadida, de maneira permanente, por todo tipo de marginais. As “mariposas” andam soltas e oferecem escândalos tremendos; os ladrões, vigaristas, rufiões, intrujões,

notívagos, macumbeiros, o diabo, tem o seu Q.G. nos inúmeros bordéis daquela via, reabertos inexplicavelmente e em pleno e ostensivo funcionamento. (O Combate, 1956 apud Benatti, 1997, p. 50).

Na obra, O Policiamento e a ordem (1999), o autor comenta que pessoas tinham sido presas na cidade - as ciganas Rosa e Mera - acusadas de vigarice. Nessa obra, nota-se nos jornais analisados como fontes, a recorrência de acusação em tom de alerta quanto a indivíduos que ficavam à espreita na cidade de Londrina, aguardando a oportunidade de abordar incautos para que pudessem aplicar golpes, sobretudo, próximos à rodoviária, um local com grande movimentação e cheio de gente desconhecida.

O segundo conjunto de fontes tomado para análise, são os periódicos. No acervo disponível no Núcleo de Documentação e Pesquisa Histórica (NDPH), da Universidade Estadual de Londrina (UEL), referente ao período da década de 1950, nota-se que em alguns jornais existiam colunas específicas para comentar o cotidiano de Londrina, por vezes, apontando denúncias de práticas indevidas envolvendo diferentes grupos sociais. São citados como fatos desse cotidiano as práticas de jogos de azar, ação de vigaristas, menores pedindo esmolas, ciganos circulando pela cidade, dentre outros. Em diversas reportagens se observa também a preocupação do uso ilegal da medicina: aparecem denúncias contra as parteiras que atuavam na cidade, além de benzedadeiras, que ofereciam serviços alternativos à medicina; alertava-se que tais práticas poderiam causar algum problema de ordem sanitária ao município.

Com a massa de gente que chegava à cidade, as classes elitizadas ficavam receosas em relação à criminalidade e segurança. Nesse sentido, quando José de Almeida Pimpão se tornou delegado da 13ª regional da polícia de Londrina, prometeu reprimir os golpes e falcatruas pela cidade. O jogo de

azar e a prostituição faziam parte de uma grande concorrência nas páginas de jornais com os golpes aplicados pela região, sejam batedores de carteira, ladrões, agiotas e vendedores de terras.

Quanto ao recorte mais específico da religiosidade, nota-se a menção nos jornais da proibição, por exemplo, de “batuques e congadas”, revelando assim o quanto aquela sociedade estava pautada em valores cristãos e, por conseguinte, contrária às expressões culturais e religiosas de outros grupos. Em matéria publicada no jornal O Combate, há denúncia contra uma “mãe de santo”, que estaria festejando e exercendo sua religiosidade nas margens da cidade. O emprego do título “A Macumba come solta” (O Combate, 1955), demonstra como essas práticas são caracterizadas com adjetivos pejorativos. Também em uma entrevista concedida à revista Branco e Preto (1987), a moradora Tereza Bespalhok Fonseca, reclama em tom de denúncia que próximo à sua casa “havia um terreiro de saravá”.

Desse modo, o noticiário reproduzia a visão de que os batuques e algazaras estavam incomodando a população da região, sendo isso uma afronta aos bons costumes, devendo a polícia, neste caso, reprimir. Em uma sociedade dualista, o indivíduo era categorizado como estando do lado do bem ou do mal, e suas práticas associadas a Deus ou ao Diabo.

Outro grupo que historicamente sofreu com o forte estigma, foram os ciganos; acusados de serem infiéis pagãos, quando chegaram à cidade de Londrina também causaram preocupação. Uma das questões mais tradicionais dos ciganos é a vida nômade, e isso gera desconfiança nas pessoas. Os estudos costumam problematizar a visão que a sociedade tem sobre esse grupo, quando o associa a malfeitores e criminosos (Pieroni, 2024). Esse estigma revela a questão do saneamento social que é imposta nas cidades, de afastar aquilo que não se julga benéfico.

Geralmente, na cultura cigana as mulheres têm um papel fundamental para

o acampamento que se estabelece em determinado lugar. Talvez, isso seja um dos elementos que desperte muito exotismo em relação ao grupo, fazendo com que as pessoas de fora olhem e categorizem seus integrantes a partir de uma perspectiva associada à magia. O emprego da magia se vincula à cartomancia e adivinhação; acredita-se que o emprego do recurso técnico uma bola de cristal, um baralho, borra de café ou até a simples leitura das mãos, resulta em ações que podem influenciar as pessoas em sua vida particular. As pessoas que recorrem aos serviços das ciganas querem de algum modo, por meio da magia e do sobrenatural, ganhar dinheiro, encontrar um amor, resolver problemas familiares ou de doenças, assim como prever o futuro.

No município de Londrina, em meados do século XX, a atuação desse grupo social também foi presente. Em uma pesquisa na coluna “Ronda pela Cidade”, encontram-se alguns informativos, em tom de alerta, da ação de ciganos na região:

FAZ JÁ TEMPINHO que se instalou no largo fronteiro às esquinas das ruas Brasil e Raposo Tavares, um acampamento de ciganos. Cremos que já deviam ir andando... Curioso: nunca havíamos visto uma cigana preta; ali tem uma! Pretos ou brancos, porém, eles não trazem contribuição alguma ao bem-estar da população ou ao progresso da cidade... (sic). (Folha de Londrina, 1955).

Em outro momento, a mesma coluna anuncia que “bandos de ciganos” estão na cidade, devendo a polícia ficar vigilante em relação a ação desse grupo. Em uma publicação de 1957, a Folha de Londrina (1957) registra que havia chegado uma caravana cigana na cidade e as mulheres já perambulavam pelo município com suas vestes bizarras. O anúncio revela um olhar cheio de preconceito. Essa perspectiva só reforça o estigma que esse grupo historicamente carrega e, no contexto da época, a vivência do nomadismo se opunha ao pensamento de progresso e desenvolvimento econômico com base na ideia de trabalho nos moldes capitalistas, estabelecidos como

modelo ideal na formação de Londrina. Nesse sentido, a preocupação com o forasteiro era notória.

Ainda nesse contexto, encontram-se algumas reportagens destinadas a uma personagem muito polêmica, a cartomante Madame Tereza. A partir do indício encontrado no livro *O Policiamento e a Ordem* (1999), observa-se que o caso da cartomante foi bem noticiado durante um período de repressão e caça aos “indesejados” acusados de crimes em Londrina.

O jornal *O Combate* registrou e deu sua opinião em relação às ações dessa personagem. Na reportagem denominada “A Polícia desafiou a Madame”, destaca que o delegado com o objetivo de acabar com os golpes resolve ir atrás de um dos casos mais antigos e que era de conhecimento público: convocou a Madame para esclarecimentos na delegacia de polícia e a fez prometer não agir mais dentro da cidade. A publicação, cheia de trocadilhos, demonstra em alguns pontos a associação da adivinhação e quiromancia com o Diabo. Novamente, como já verificado, relacionam ao mal as atividades religiosas desviantes:

A ocultista, que resolvia negócios, arranjava casamentos, aumentava a safra de café, tirava vícios, fazia separações e pintava o diabo: não conseguiu, contudo, fazer o delegado de polícia permitir que continuasse praticando trapagens e vigarices (*O Combate*, 1955, n.p.).

A reportagem também afirmava quais outras operações se realizavam na cidade. Nesse sentido, em outra matéria, intitulada “A polícia cortou as unhas da Madame”, o jornal caracteriza a mulher pela exploração das crendices populares em benefício próprio, para ganhar dinheiro a partir da ingenuidade das pessoas, acusando-a de charlatanismo:

Um dos casos que até então estava impune, com a nossa denúncia, fundamentada, foi extinto, graças a gestão do delegado José de Almeida Pimpão. Trata-se da contraventora mór, Mme. ou Prof. Teresa, conhecida por todos nós, como exploradora da credulidade popular, costumeira em lezar a boa fé dos menos avisados e usual em subornar delegados e

policiais inescrupulosos (M.F.) (sic). (O Combate, 1955, n.p.).

Além do mais, explica o jornal que a mulher não foi presa por conta dos subornos a policiais que auxiliavam e mantinham suas ações dentro da cidade. Ao longo da década, a queixa aos policiais era constante, a relação que os jornais, a população e a opinião pública tinham com a força do Estado, era ambígua. Em um momento celebravam a atuação e repressão aos sujeitos e grupos sociais, e por outro, criticavam a falta de policiais e o ostensivo patrulhamento com a intenção de reprimir a criminalidade:

Longe de pensarmos que a volta à atividade, de Madame Tereza, tenha sido adquirida pelos seus costumeiros ardis, porém, ninguém pode proibir que os mais apressados pensem desta maneira, mormente na circunstância, em que se inicia uma gestão policial e desaparece uma outra que foi imoral, desonesta, arbitrária e podre (sic). (O Combate, 1955, n.p.).

Combater Madame Tereza, pelo que indicam as fontes, era um caminho de proteção contra golpes, vigarices e artimanhas. O jornal O Combate, de agosto de 1955, estampava uma fotografia de Madame Tereza, tendo como manchete: “A polícia cortou as unhas da madame”. A reportagem demonstrava que por meio de Madame as autoridades policiais “chegaram ao covil”: o bando de Lázaro, que tinha por apelido “Lazinho”, o qual era visto como um líder de gangue, acusado de comprar itens roubados na cidade de Londrina, e que estava agindo junto com seu filho Pedro, vulgo “Cigano”. A matéria diz que atuavam desde muito tempo na região, cometendo uma onda de crimes, como roubos, estelionatos e falsificações. Madame Tereza era mulher de Lazinho.

Um outro caso de religiosidade noticiado, e que teve grande repercussão no período, envolveu um garoto chamado Wilmar Schmidt, citado como “O Jovem Taumaturgo”. O menino de apenas nove anos de idade, afirmava ter contato com Nossa Senhora de Fátima. O jornal menciona que “algumas

peessoas acreditavam que a criança estava delirando ou ficando louca”. Mas o fato logo ganhou fama, quando foi atribuído ao personagem o poder de realizar curas miraculosas por meio da fé; registra-se que o primeiro milagre do garoto teria sido o de curar a própria tia, “que sofria de uma grave enfermidade” (Gazeta do Norte, 1955).

Esse episódio teve bastante manchete, como se observa no caso da Folha de Londrina, principal jornal da cidade. O periódico menciona que o menino, natural do Estado de Santa Catarina, vinha já visitando algumas cidades da região, tendo chegado a Londrina em 20 de maio de 1955, em companhia de seus pais. Consigo trazia multidões, que o seguiam com objetivos de receber bênçãos. Nos poucos dias que o pequeno milagreiro ficou na região, teve seu nome associado a muitos casos de curas. As atividades ocorreriam na praça Primeiro de Maio, área central. Diversas curas e milagres por intermédio do menino, foram noticiados: afirmava-se que curou aleijados, fez voltar a enxergar cegos, paráliticos de nascenças tornaram a andar, mudos a falar. Em alguns casos, a própria imprensa atestava e confirmava o “dom da pequena criança”:

Ontem, voltou o menino Wilmar Schmidt a realizar mais uma das suas intervenções fazendo andar perfeitamente a um côxo. Francisco Sales de Assis, de 80 anos de idade, cambista de Loteria. [...] Como já acontecera no dia anterior, entre curiosos e pessoas em busca da cura para os seus males congênitos ou adquiridos. Ali se viam paráliticos de toda a espécie, cegos, doentes mentais etc. (Folha de Londrina, 1955).

Foram muitas pessoas entrevistadas pela imprensa naquele momento, que afirmavam ter sido curadas:

Vão relacionados, em seguida, nomes de outras pessoas que receberam graças através de Wilmar: Osvaldo dos Santos, 22 anos, residente na Vila Zaneti, usava muletas. Maria Ikoama, 37 anos, sofria de paralisia das mãos. Joana Martins Rodrigues, 39 anos, residente na Vila São Vicente, não andava (paralisia das pernas). Vitoria Rosa de Jesus, 60 anos, residente na Vila Ernestina, andava apoiada em

muletas. Antero Lucas, 75 anos, residente à rua Pernambuco, sofria de paralisia de uma perna. Lourdes Bispo, 16 anos, residente na Vila Terezinha tinha perna encolhida (Folha de Londrina, 1955).

Por outro lado, algumas pessoas inclusive questionaram a Folha de Londrina por conta das reportagens, acreditando serem fantasiosas ou difíceis de se acreditar. Outras matérias jornalísticas também noticiavam que pessoas já estavam se aproveitando da situação para cobrar altos valores por fotografias do menino (Folha de Londrina, 1955). Londrina era, desse modo, também no campo da crença, uma terra de oportunidades.

Ao analisar a vinda de Wilmar Schmidt para Londrina, constata-se que a criança fazia parte de uma religiosidade cristã, tendo ganhado notoriedade pelo seu valor curativo e sagrado no ambiente de um catolicismo de devoção popular. Diferentemente de outras religiões que eram condenadas e perseguidas, as matérias sobre o menino eram de capa e valorativas. Percebe-se uma postura de maior aceitação da opinião pública em relação a elementos da religiosidade popular, quando isso ocorre no âmbito cristão; por outro lado, o que fosse diferente dessa representação cristã, era condenado e dedicado às páginas finais de denúncia.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise desenvolvida neste artigo possibilitou compreender o quanto uma cidade surgida na fronteira, vista como terra de oportunidades, não foi atrativa somente para aqueles que nela se adequaram ao modelo capitalista de trabalho. O lugar em formação representou também um chamariz para outros tipos de serviços e práticas, criando uma economia que orbitava em torno da prostituição, da cultura mística cigana, de videntes, curandeiros e outros elementos de crença.

Nota-se, entretanto, que sobre essas práticas e personagens, presentes nas

margens, praticamente nada se encontra em documentos ou registros da chamada história oficial. Frente a essa omissão e tentativa de apagamento da memória incômoda, a escrita de uma história mais inclusiva da cidade requer uma revisitação desse passado por meio de indícios deixados pelo passado, como por exemplo, as fontes jornalísticas. Por meio destas se pode perceber o protagonismo de outros sujeitos na dinâmica social e econômica que marcaram a formação de uma região de fronteira. Por essa via investigativa, evidenciou-se que Londrina foi destino para oferta de serviços alternativos pela via do sobrenatural, no atendimento de demandas de cura, questões familiares, situações amorosas e outras premências do cotidiano. As movimentações humanas transformaram esse lugar de fronteira em um espaço de hibridismo e circularidade de crenças.

Desse modo, a metodologia de análise empregada por Carlo Ginzburg, voltada aos indícios e pistas presentes nas fontes, contribuiu diretamente para a percepção de religiosidades categorizadas como desviantes, não previstas no planejamento idealizado para a referida região. Esses agentes deixaram pistas, registradas nos discursos veiculados pelos jornais da cidade, denotando intensas manifestações de religiosidades, tais como: adivinhação e leitura de mão, por meio de ciganos, que negociavam seus serviços e saberes; benzimentos, exercidos especialmente por mulheres, que ofereciam práticas alternativas de cura; venda de remédios milagrosos, expostos nas calçadas das ruas ou ofertados de casa em casa; cartomancia, com serviços de vidência e soluções para problemas amorosos ou financeiros; além da devoção à figura carismática no âmbito de um catolicismo de cariz popular, praticado com heterodoxia do dogma e da doutrina institucionalizada.

Observou-se, na análise feita, que as religiosidades sem relação direta com o cristianismo foram categorizadas como diabólicas. Essa associação com o mal se revela, por exemplo, no emprego do termo “macumba” nas

matérias jornalísticas, denotando aspectos religiosos afro-brasileiros como “demoníacos” e “suspeitos”.

Outra categorização de comportamento desviante também se observa no exemplo de Madame Tereza, vista pela sociedade como charlatã, como alguém que tirava proveito da boa-fé ou abusava da ingenuidade dos cidadãos. Nos discursos presentes nos jornais, percebe-se que os autores das matérias não acreditavam que a mulher tivesse de fato algum poder de acesso ao sobrenatural, tais como previsão do futuro e outros saberes correlatos.

No juízo de valor da escrita, é categorizada como uma vigarista, estando mais para criminosa do que para vidente. Isso demonstra que, quando colocados os dois casos em comparação, o de Madame Tereza e o do menino Wilmar, há perspectivas diferentes sobre as religiosidades, constatando um discurso moral da cidade, nos anos de 1950. Enquanto o menino era visto como alguém que curava os doentes por intermédio de Deus - conforme relato feito pela imprensa, de pessoas que afirmavam terem recebido um milagre -, para a cartomante restavam acusações de ser uma vigarista associada ao Demônio.

Destarte, conclui-se que a busca de soluções pela via da crença e da religiosidade, para as diversas situações do cotidiano, foi uma alternativa funcional para um contingente situado sobretudo nas margens do cenário urbano em expansão. Diversos agentes, desse modo, foram protagonistas das transformações dos limites geopolíticos, fazendo surgir outros marcos de dimensão simbólica na formação identitária de cidades de fronteira, no contexto temporal do século XX.

REFERÊNCIAS

ADUM, Sônia Maria Sperandio Lopes. **Imagens do progresso: Civilização e barbárie em Londrina 1930-1960**. 1991. 259f. Dissertação (Mestrado em História) –

Faculdade de Ciências e Letras de Assis, Universidade Estadual Paulista, Assis, 1991.

ADUM, Sonia Maria S. Lopes. Historiografia norte paranaense: alguns apontamentos. *In*: ALEGRO, Regina Célia et al. (Orgs.). **Temas e questões para o ensino de história do Paraná**. Londrina: EDUEL, 2008. p. 2-20.

ALVES, Jolinda de Moraes. **Assistência aos pobres em Londrina: 1940/1980**. Londrina: Eduel, 2013.

ARIAS NETO, José Miguel. **O Eldorado**: Representações da política em Londrina 1930-1975. 2 ed. Londrina: EDUEL, 2008.

BENATTI, Antônio Paulo. **O centro e as margens**: Prostituição e vida boêmia em Londrina (1930-1960). Curitiba: Aos Quatro Ventos, 1997.

FOLHA de Londrina, Londrina - PR, ago. 1952.

FOLHA de Londrina, Londrina - PR, 22 maio 1955.

FOLHA de Londrina, Londrina - PR, 24 maio 1955.

FOLHA de Londrina, Londrina - PR, 25 maio 1955.

FOLHA de Londrina, Londrina - PR, 15 maio 1955.

FOLHA de Londrina, Londrina - PR, 12 jul. 1957.

GAZETA do Norte, Londrina - PR, 06 mar. 1955.

GINZBURG, Carlo. **O queijo e os vermes**: O cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição. São Paulo: Companhia das letras, 1987.

GINZBURG, Carlo. Sinais: raízes de um paradigma indiciário. *In*: GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas, sinais**: morfologia e história. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. p. 143-179.

LEME, Edson Holtz. **Noites ilícitas**: histórias e memórias da prostituição. Londrina: EDUEL, 2005.

MASCHIO, Edison. **Escândalos da província**. 2º ed. Londrina: Kan, 2011.

O COMBATE, Londrina - PR, set. 1955.

O COMBATE, Londrina - PR, maio 1955.

O COMBATE, Londrina - PR, jun. 1955.

O COMBATE, Londrina - PR, ago. 1955.

O COMBATE, Londrina - PR, jan. 1956.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Além das fronteiras. In: MARTINS, Maria Helena (Org.). **Fronteiras culturais**. Brasil-Uruguai-Argentina. São Paulo: Ateliê Editorial, 2002. p. 35-36.

PIERONI, Geraldo. **Vadios e ciganos, heréticos e bruxas**: Os degredados no Brasil colônia. Jundiaí: Paco Editorial, 2024.

REVISTA Branco e Preto, n. 2, Londrina – PR, mar./abr. 1987.

ROLIM, Rivail Carvalho. **O policiamento e a ordem**: Histórias da polícia em Londrina (1948-1962). Londrina: EDUEL, 1999.

SILVA, Sara H. Avenida Higienópolis: um retrato da burguesia londrinense nas décadas de 30, 40, 50 e 60. **Anais do XIX EAIC** – 28 a 30 de outubro de 2010, Unicentro, Guarapuava–PR.

SUZUKI, Juliana Harumi. Considerações sobre o urbanismo de Londrina e suas relações como o modelo de cidade-jardim. **Terra e Cultura**, Unifil, Londrina, ano XVIII, n.35, p.25-39, 2021.

WEBER, Max. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

SOBRE OS AUTORES:

Nícolas de Souza Pires

Possui graduação em História pela Universidade Estadual de Londrina; possui especialização em Religiões e Religiosidades, pela Universidade Estadual de Londrina.

Orcid: <https://orcid.org/0009-0006-0142-1271>

E-mail: nicolas.souza.pires@uel.br

Wander de Lara Proença

Pós-doutor em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS (2019), com pesquisa sobre a historiografia do Paraná. Doutor em História pela Universidade Estadual Paulista - UNESP (2007).

E-mail: wander@uel.br

Artigo recebido em: 5 nov. 2025. | Artigo aprovado em: 28 nov. 2025.